

# Formação Continuada de Professores: Uma ênfase cultural



## Paulo Freire: Pedagogia do Oprimido

### 1. A Justificativa da Pedagogia do Oprimido

Marta Fernandes Garcia

Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira

#### Introdução

A obra “Pedagogia do Oprimido” é o livro de Paulo Freire mais conhecido e mais lido. Nele, Paulo Freire propõe uma pedagogia como nova forma de relacionamento entre professor, aluno e sociedade. Embora seja o livro mais conhecido, estudado e debatido, não é a primeira obra de Paulo Freire. A primeira obra foi “Educação como Prática da Liberdade”.

O livro Pedagogia do Oprimido expõe o processo de alfabetização criado por Paulo Freire como uma forma de responder aos desafios propostos por sua atividade no Movimento de Cultura Popular do Recife Dona Olegarina ou Dona Olegarina, que foi uma abolicionista muito influente e comprou muitas cartas de alforria, libertando vários escravos. Nesse processo, Paulo Freire homenageia 2 mulheres: Dona Olegarina e sua esposa Elza Freire, que era professora do ensino fundamental. Ele diz que as técnicas utilizadas para a alfabetização resultam da intensa colaboração de sua esposa. Os participantes desse processo eram os analfabetos: pessoas do povo, camponeses e proletários. Paulo Freire não os denominava ‘alunos’, mas participantes. O título do livro se volta a eles com a intenção de dizer que é uma pedagogia construída **com** eles, a partir da vida **deles** e não uma pedagogia *para* eles e pensada *por* outros.

Devemos lembrar que a primeira edição foi nos EUA, em inglês, em 1970, no ano em que estava lecionando na Universidade Harvard. Posteriormente foram feitas traduções para o espanhol, alemão, italiano, holandês e sueco no ano de 1974. A primeira edição brasileira foi feita só em 1975, pela editora Paz e Terra.

O original em português foi trazido da Suíça, pelo Professor Jean Ziegler, amigo de Paulo Freire, que se ofereceu para trazer ao Brasil os originais em português, utilizando-se de seu passaporte de diplomata, pois era deputado pelo Cantão de Genebra, e, nessa condição, sua bagagem não seria revistada. Em 2016 foi lançada a 60ª edição do livro “A Pedagogia do Oprimido” em uma edição comemorativa do alcance universal das ideias e das práticas de Paulo Freire. Em 2018, a escrita dos originais completou 50 anos e seu conteúdo continua atual, suas edições continuam formando professores e influenciando leitores no mundo todo, particularmente na América Latina. É isto que a faz uma obra clássica, pois é atual em todas as épocas.

A Pedagogia do Oprimido é uma obra universal, pois ultrapassou as fronteiras culturais locais, regionais e nacionais, contribuindo para o questionamento e a problematização dos processos educativos das sociedades. O trabalho apresentado no livro tem total coerência com as ideias teóricas defendidas por Paulo Freire. Suas principais questões são:

- a possibilidade de emancipação dos homens;
- características da educação libertadora;
- papel do diálogo;
- construção da personalidade democrática.

Nesta obra Paulo Freire faz críticas, de forma rigorosa, à ordem social geradora e mantenedora da opressão. Os temas discutidos nela são: opressão, opressores, oprimidos, educação bancária, educação problematizadora, temas geradores, ação antidialógica, ação dialógica, diálogo libertador, dialogicidade.

O livro está escrito em forma de ensaio com quatro partes:

- A Justificativa da Pedagogia do Oprimido.
- A concepção "bancária" da educação como instrumento da opressão: seus pressupostos, sua crítica.
- A dialogicidade: essência da educação como prática da liberdade.
- A teoria da ação antidialógica.

Neste texto e vídeo estamos trabalhando a primeira parte:

## **A Justificativa da Pedagogia do Oprimido.**

Em suas primeiras palavras, Paulo Freire apresenta a quem se dirige o seu livro, “aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam” (FREIRE, 1987, p. 12).

É importante destacar o seu destinatário, pois para ele não é possível a leitura da obra por sectários, por homens que buscam a dominação do outro e que são constituídos por uma falsa generosidade, por um olhar fatalista da vida. Ao contrário, a esperança de Freire é dirigida àqueles que desejam lutar com os oprimidos, que se identificam com eles e que buscam a libertação de todos os homens por meio do desvelamento da realidade.

A Pedagogia do Oprimido proposta por Paulo Freire surge então como um caminho para a implementação de uma mudança radical não apenas no modo de pensar e conduzir a educação, na relação professor e aluno, mas na vida dos educandos. Não se trata de ensinar algo alienado, desconectado da realidade. Não se trata de dissertar sobre um conteúdo, mas de problematizar temas que tenham relação com a vida dos sujeitos, com seus problemas, angústias e necessidades. Diz respeito à prática de uma pedagogia humanizadora, permeada por uma relação dialógica constante entre os envolvidos, num desejo comum de “ser mais”<sup>1</sup>.

Nas palavras de Freire (1987, p. 17), a pedagogia do oprimido é aquela que:

Tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará.

Exatamente por ser uma pedagogia com o oprimido, não pode ser realizada pelo opressor. É o próprio oprimido que terá que realizar o grande esforço de sua libertação, percebendo e retirando de si o hospedeiro (opressor) que o oprime e impede de enxergar com clareza a realidade e a situação de opressão instalada e mantida. É Pedagogia do Oprimido porque é conscientização crítica dos oprimidos para si mesmos e também para os opressores por meio dos oprimidos. É um movimento de luta por libertação que parte do “ser menos” dos oprimidos e se dirige

---

<sup>1</sup> Não significa ser mais que o outro, mas se refere ao próprio sujeito que, consciente de ser inacabado, inconcluso, se insere num movimento constante de busca do “ser mais”, de busca por humanização. Ver: ASSIS, Jorge. **Paulo Freire: Vocação do Ser Mais**. Publicado em 6 de setembro de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DO8O12ByrF8>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

ao “ser mais” de todos. “Os oprimidos, lutando por ser, ao retirar-lhes o poder de oprimir e de esmagar, lhes restauram a humanidade que haviam perdido no uso da opressão” (FREIRE, 1987, p. 24).

No entanto, há no processo de libertação dos oprimidos uma contradição a ser superada: muitas vezes, no momento em que tomam consciência da exploração e de sua condição no mundo, os oprimidos desejam se tornar novos opressores. Para eles, o ideal de homem livre é ser opressor e isto ocorre porque a sua consciência ainda não é sua totalmente e, estando aderida ao opressor, possui valores e concepções da classe opressora. Aspiram ter o padrão de vida do opressor, em especial, os oprimidos da classe média. É neste ponto que uma educação libertadora colabora para a superação desta contradição, para a mudança na estrutura dominante, para a restauração da humanidade do oprimido e opressor. No entanto, libertar-se a si e aos outros é tarefa árdua, complexa, um parto doloroso. Expulsar o opressor que reside dentro de si, requer preencher o espaço com outro conteúdo: a autonomia, a responsabilidade.

Freire destaca a necessidade de se combater o imobilismo subjetivista o qual desvia o foco da construção da consciência sobre a situação de opressão, para a espera paciente do seu desaparecimento natural, como se a liberdade fosse uma doação e não uma conquista. Esclarece que objetividade e subjetividade não podem ser dicotomizadas, pois ambas estão presentes no momento de análise da realidade. Encontra em Marx sua fundamentação para argumentar que a negação da subjetividade é objetivismo e a negação da objetividade é subjetivismo, bem como que somente por meio de uma relação dialética subjetividade-objetividade é possível efetivar a *práxis* autêntica, ou seja, a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo.

Uma indagação relevante é posta por Paulo Freire na primeira parte do livro: “se, porém, a prática desta educação implica o poder político e se os oprimidos não o têm, como então realizar a pedagogia do oprimido antes da revolução?” (FREIRE, 1987, p. 23). Esta discussão é retomada com afinco na última parte, mas a colocamos aqui para sua reflexão inicial. Ainda, Freire adianta esclarecendo a “distinção entre a educação sistemática, a que só pode ser mudada com o poder, e os trabalhos educativos, que devem ser realizados com os oprimidos, no processo de sua organização” (FREIRE, 1987, p. 23).

A Pedagogia do Oprimido terá dois momentos: o primeiro, de desvelamento da situação concreta de opressão pelos oprimidos e seu comprometimento com sua transformação pela *práxis* e, o segundo, em que a pedagogia deixa de ser do oprimido, já que a realidade opressora foi transformada, e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. Isto porque esta pedagogia não deseja que os oprimidos tenham novos opressores nem que se transformem nos que oprimem.

### **A situação concreta de opressão e os opressores**

Do ponto de vista dos opressores, tudo que retire o seu direito de oprimir, de comandar, de dirigir significa opressão a eles. Sentir-se-ão como novos oprimidos, como violentados se a eles forem feitas restrições em nome do direito de todos. Para os opressores importa sempre ter cada vez mais, ainda que seja à custa de muitos que terão cada vez menos. Ser é sinônimo de ter e possuem a crença de que tudo é possível ser comprado, pois o dinheiro é a medida de tudo e o lucro é o objetivo maior.

Para Freire (1987), o opressor possui uma visão necrófila do mundo, tem amor pela morte ao invés da vida. Apropriam-se da ciência e da tecnologia para utilizá-las de acordo com suas intenções e finalidades, mantendo a ordem opressora, impedindo aos demais de se apropriarem, de terem voz e vida em abundância. Consideram-se humanos e, aos demais, coisas. Possuem discurso de liberdade, de igualdade, de solidariedade, mas não “comungam” com o povo, não o considera capaz e instaura a cultura do silêncio para que não tenham jamais a oportunidade de dizer a sua palavra, para que sigam reproduzindo inconscientemente o discurso opressor.

### **A situação concreta de opressão e os oprimidos**

Para a superação da dualidade em que se encontra o oprimido como hospedeiro do opressor, é preciso conviver com os oprimidos, compreendê-los, escutá-los para perceber os diferentes modos de manifestação da dominação e, assim, problematizar situações, temas, crenças com a intenção de fazê-los localizar o opressor que neles habitam.

Há, muitas vezes, um fatalismo no modo de pensar do oprimido, exatamente por conta do dilema em que estão imersos. Não percebendo que sua exploração e sofrimento é gerado a partir das ações de dominação do opressor, o oprimido enxerga que sua condição se dá pela vontade de Deus. A autodesvalia é então uma característica marcante do oprimido, uma vez que introjeta em si a visão que o opressor possui dele: incapaz, preguiçoso, indolente, que nada sabe.

Para Freire, é necessário que os oprimidos possam ver exemplos da vulnerabilidade do opressor para que possam ir desconstruindo a crença, quase que mágica, de seu poder intransponível. Perceber a dualidade que os constitui é tarefa fundamental para que iniciem o processo de luta de libertação de si mesmos e do regime opressor.

### **Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão**

Paulo Freire argumenta sobre a necessidade constante do diálogo crítico com os oprimidos. É importante atentar para o fato de que esse diálogo se faz, não para instaurar a revolta, a fúria, a repressão, mas para possibilitar a libertação dos sujeitos e esclarece que, dependendo do nível de percepção da realidade em que o oprimido se encontra, o conteúdo do diálogo deve variar, adequando-se às suas necessidades e possibilidades reais, num movimento crescente de aprofundamento da reflexão.

A questão do processo de libertação em comunhão se dá pelo fato de que, sozinho, não é possível ao homem alcançar níveis elevados de percepção da realidade. Também não é possível a um homem aprender no lugar do outro, ou doar o seu saber. É no diálogo, no processo de escuta atenta que os homens aprendem e buscam “ser mais”. É um processo doloroso, pois exige esforço, dedicação, disposição ao verdadeiro diálogo, vontade constante de “ser mais”, de se conhecer melhor, bem como conhecer a sua comunidade, a sua realidade.

Freire (1978, p. 29) alerta que

Ao defendermos um permanente esforço de reflexão dos oprimidos sobre suas condições concretas, não estamos pretendendo um jogo divertido em nível puramente intelectual. Estamos convencidos, pelo contrário, de que a reflexão, se realmente reflexão, conduz à prática.

No entanto, a prática que se deseja construir não é mero ativismo. Ao contrário, deve estar embasada em reflexão crítica, para que se constitua em *práxis*. Para Freire (1987), não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora, que conduz o movimento de desconstrução do ser oprimido para a construção de homens responsáveis e autônomos, em condição de lutar permanentemente por sua liberdade, por “ser mais”. O método para esta prática problematizadora não serve de instrumento de manipulação do educador sobre o oprimido, mas sim instrumento de libertação, uma vez que já se constitui, conforme Álvaro Vieira Pinto<sup>2</sup>, na própria consciência, ou seja, em caminho para algo, em intencionalidade, percebendo a existência do mundo enquanto espaço para a ação. Assim, tanto educador quanto educando intencionam juntos, engajados, desvelar criticamente a realidade e, conhecendo-a, nela agir e recriá-la.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

### Vídeos:

ASSIS, Jorge. **Paulo Freire: Vocação do Ser Mais**. Publicado em 6 de setembro de 2015. 2015. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=DO8O12ByrF8>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

CEDERJ. Centro de Educação a Distância do Estado do Rio de Janeiro.

**Serginho Groisman entrevista Paulo Freire**. Publicado em 20 de setembro de 2013. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Zx-3WVDLzyQ>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

FIGUEIREDO, André Henrique. **Paulo Freire – Biografia**. Documentário conta a vida e carreira profissional de Paulo Freire. Publicado em 06 de novembro de 2012. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jzUgb75GgpE>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

MACENA, Chico. **Pedagogia do Oprimido - Entrevista com Paulo Freire**, do arquivo pessoal do vereador Chico Macena. Publicado em 18 de maio de 2010. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kQvkvxJmWpLg>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

---

<sup>2</sup> Paulo Freire busca fundamentação teórica em Álvaro Vieira Pinto para discutir a questão do método. Para saber mais sobre este professor, filósofo e cientista, falecido em 1987, consulte: <<http://www.alvarovieirapinto.org/>>. Acesso em: 11 jan. 2019.

